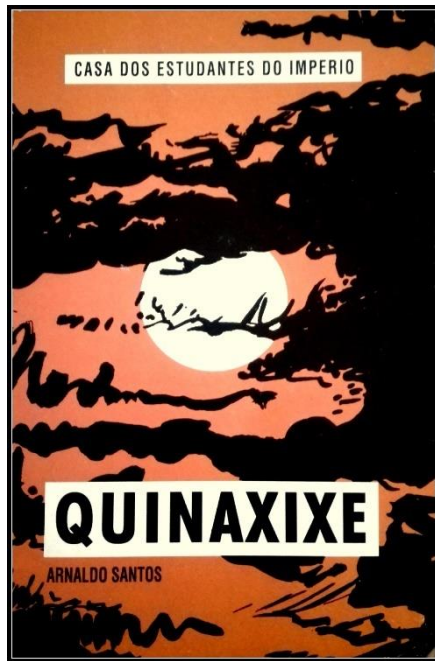


Quinaxixe, de Arnaldo Santos

Ana T. Rocha



Quinaxixe (1965), do escritor angolano Arnaldo Santos, é um livro composto por nove pequenas narrativas, unidas pela personagem Gigi, pelo discreto narrador e pelo ambiente histórico-social narrado.

Com a publicação de *Quinaxixe*, a *Casa dos Estudantes do Império* (CEI) dava a conhecer uma prosa que confirmava a predileção angolana pela narrativa curta, mas que, dentro dessa, se distinguia pelo carácter fragmentário. Estas narrativas que compõem o livro não são pequenos contos independentes entre si e separados por temáticas, espaços e personagens, pelo contrário, elas dão

continuidade umas às outras, e o leitor não ganhará ao lê-las de uma forma que não seja a linear. Estes fragmentos compõem uma estrutura que se desprende das normas da prosa realista e neorealista de língua portuguesa, contribuindo para o caminho da prosa angolana moderna, quer no que respeita à forma de expressão, liberta das amarras clássicas, quer, também, no que concerne a forma do conteúdo (o musseque, a cidade, a infância, as relações sociais e a interferência da raça e da classe nessas).

Importante para a História da Literatura Angolana, o *Quinaxixe* revela-se, também, um elemento de relevante leitura para o historiador e para o leitor de História de Angola. Isto porque, o narrador é sentido como uma testemunha que relata um tempo que passou e o traz ao presente. Pese embora a subtilidade deste narrador, sente-se a sua presença no tempo narrado enquanto tempo vivido. Neste sentido, e se nos for permitida tal comparação, a escrita de laivos autobiográficos de Arnaldo Santos, que o próprio já assumiu em entrevistas, está para a literatura como o “ensaio ego-histórico” (conceito de Pierre Nora) está para a historiografia. Ou seja, o autor está inserido na realidade histórica que analisa e conta.

Antecipando a consciência da “Nova História”, de Le Goff, Duby, Le Roy Ladurie, entre outros, Arnaldo Santos e a sua geração literária, cedo compreenderam, sem precisar de ler Foucault, mas empiricamente, que a historiografia era conduzida por relações de poder e que a verdade do real – inevitavelmente ficcionada – teria de ser calculada na atenção e consideração de discursos e documentos outros que permitissem ampliar a compreensão da história da humanidade e da **história dos sentimentos humanos**, e não apenas a tendenciosa história do poder dos homens. É para essa nova História, e para o que ela implica na pós-memória, que contribuem as memórias do *Quinaxixe*.